

PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS: SEUS SABERES E SUAS INFLUÊNCIAS NA FORMAÇÃO DOS FUTUROS PROFESSORES DE QUÍMICA DO ENSINO MÉDIO.

Anderson Rocha da Silva
CSE

2 – Didática, Formação e Profissão docente.

Toda pesquisa é movida por sentimentos particulares, problemas complexos que nos fazem refletir e repensar nossa prática. A falta de identificação entre minha atuação como professor de Química do Ensino Médio e as teorias sociológicas, didáticas e pedagógicas apreendidas na universidade de minha época de formação¹, foram os sentimentos precursores dessa pesquisa. Os conflitos que tive no exercício da profissão docente puseram minha formação inicial em cheque, posição que a tornou sedutora fonte de investigação. Os porquês que eclodiram dessa fonte conduziram-me ao contato com parte dos referenciais teóricos que utilizo nessa pesquisa, autores-pesquisadores que abordam os saberes docentes (TARDIF, 2002), o ensino e a pedagogia universitária (ZABALZA, 2004; LEITE, 1999) e a formação inicial e continuada de professores de Química (MALDANER, 2003). Essas leituras pouco a pouco recortaram e desenharam meus objetos de pesquisa: os professores universitários que atuam no curso de Licenciatura em Química da UFF, dos quais busco investigar: sua trajetória acadêmica (história de vida), suas concepções sobre o seu papel e o da universidade na sociedade, suas concepções sobre a formação docente e sua implicação no processo formativo do licenciando. Além disso, buscarei investigar em que medida as exigências institucionais, que segundo Zabalza (2003) atribuem outras funções ao professor (coordenando departamentos, gerenciando projetos de ensino, pesquisa e extensão universitária, participando de comissões organizadoras, organizando eventos, etc.), afastam o professor de sua atividade docente, o que dificultaria sua auto-reflexão sobre a docência e afetaria sua forma de implicação na formação dos licenciandos sob sua influência. Essas questões procuram esboçar um repertório de saberes docentes mobilizados por estes professores universitários em sua práxis. Nesse sentido, o referencial teórico de Tardif (2002) subsidia essa pesquisa no que tange à epistemologia da prática² dos protagonistas de minha tese que pretendo estudar. Minhas concepções sobre os saberes docentes confluem com as idéias desse autor, que considera o saber docente como “um saber plural, formado pelo amálgama, mais

¹ 1º semestre de 1998 ao 2º semestre de 2002, época do ainda vigente currículo 3+1.

² Na perspectiva de Tardif (2002), a epistemologia da prática consiste no estudo que busca compreender como os saberes docentes são integrados concretamente nas tarefas dos profissionais e como estes os incorporam, produzem, utilizam, aplicam e transformam em função dos limites e dos recursos inerentes às suas atividades de trabalho.

ou menos coerente, de saberes oriundos da formação profissional e de saberes disciplinares, curriculares e experienciais” (TARDIF, 2002, p. 36). Em outras palavras, um repertório dinâmico que não pode ser tratado como uma categoria autônoma, dissociada das esferas sociais, organizacionais, humanas e temporais em que os professores se encontram imersos. Por essa razão, o estudo desses saberes deve considerar diferentes condicionantes da atmosfera do trabalho docente que pretendo investigar, ou seja, a universidade vista tanto em seus aspectos mais gerais (comum a todos os cursos) quanto nos mais específicos (presentes no curso de Química) ratificando a importância dos demais referenciais teóricos supracitados. Diante da complexidade de elementos que devem ser explorados e considerados, a metodologia de investigação escolhida foi a análise de discurso do grupo de professores que pretendo entrevistar, por acreditar que a fala é um ato inteligente, capaz de revelar não só os aspectos ideológicos, mas também a estrutura social, cultural e histórica do falante, linhas que pretendo utilizar para alcançar minhas conclusões. Confluindo com minhas intenções, a análise de discurso no viés bakhtiniano tem se revelado adequada pois, como indica Brait (2006), esse autor propõe a análise da linguagem em uso como uma forma de conhecer o ser humano no seu contexto sócio-histórico-cultural. Nesse sentido, utilizar esses pressupostos de análise discursiva implica em uma nova visão do falante - que supera a dicotomia tradicional do campo da linguística que situa a fala: ou como um ato puramente individual e não normatizável (corrente do subjetivismo idealista) ou como um ato puramente social, que obedece a normas gerais sedimentadas e imutáveis da sociedade em que o falante se encontra imerso (corrente do objetivismo abstrato) - situando-o no dialogismo entre essas correntes, ou seja, entre o individual e o social (BAKHTIN, 1981). Para Bakhtin, a linguagem não é falada no vazio, mas em uma situação histórica e social concreta que considera o momento e o lugar (com seus aspectos culturais) da produção de uma cadeia de enunciados³ construída na e pela interação dos falantes, pontes que possibilitam a correlação entre as ideologias, crenças e visões do mundo dos mesmos. Ratificando esta perspectiva dialógica, o autor complementa: “a criação ideológica não existe em nós, mas entre nós” (BAKHTIN apud BARROS, 1996, p.78). Pela possibilidade de esboçar um perfil menos nebuloso, e mais abrangente acerca da subjetividade dos falantes que pretendo entrevistar, é que a análise de discurso bakhtiniana se torna relevante. Vindo ao encontro com a perspectiva dialógica de Bakhtin, Tardif (2002) considera os saberes docentes como os pensamentos, as idéias, os juízos, os discursos, os argumentos que obedeçam a certas exigências de racionalidade, e complementa: “eu falo ou

³ Bakhtin considera como enunciados (orais e escritos) as expressões formalizadas de utilização da língua, provenientes da necessidade do homem de exteriorizar-se.

ajo racionalmente quando sou capaz de justificar, por meio de razões, de declarações, de procedimentos, etc., o meu discurso ou a minha ação diante de um outro ator que me questiona sobre a pertinência, o valor deles, etc. Essa capacidade ou essa competência é verificada na argumentação, isto é, num discurso em que me proponho razões para justificar meus atos. Essas razões são discutíveis, criticáveis e revisáveis (2002, p. 199)”, reforçando ainda mais a adequação desta metodologia para realização da pesquisa proposta. No entanto, mesmo que a metodologia seja adequada, cabe ressaltar as limitações e as potencialidades que toda pesquisa possui. Entre as limitações, resalto o recorte que toda pesquisa instaura, pela impossibilidade de enxergar todos os condicionantes que permeiam meus protagonistas (os professores do curso de Licenciatura em Química) e o cenário de atuação (a Universidade Federal Fluminense) devido a sua vasta complexidade. Incompletude que não deprecia as potencialidades dessa pesquisa, situadas na pretensão de contribuir com reflexões sobre o processo de formação inicial do professor de Química do Ensino Médio vista de uma perspectiva ainda pouco explorada, a dos professores universitários, os formadores de formadores, na expectativa de suscitar nos professores entrevistados e nos seus pares de profissão (os demais professores do curso) mais questionamentos e reflexões que contemplem sua própria prática, condição fundamental para proporcionar subsídios para se repensar significativamente o processo formativo do professor de Química no curso de Licenciatura.

Palavras-Chave: Saberes Docentes, Formação de Professores, Pedagogia Universitária

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. (V. N VOLOCHINOV) Marxismo e filosofia da linguagem, trad. Michel Lahud & Yara Frateschi Viera, 2ª ed. São Paulo. Hucitec, 1981.
- BARROS, D. L. P. Contribuições de Bakhtin às teorias do texto e do discurso. In: Faraco, C.A.; TEZZA, C.; CASTRO, Gilberto de. (orgs.). Diálogos com Bakhtin. Paraná: Editora da UFPR, 1996.
- BRAIT, B. Análise e teoria do discurso. IN: BRAIT, Beth (org). Bakhtin outros conceitos chaves. São Paulo, Editora Contexto, 2006.
- LEITE, D. (org). Pedagogia Universitária: conhecimento, ética e política no ensino superior. Porto Alegre, RS: Ed. Universidade / UFRGS, 1999.
- MALDANER, O. A.; A formação inicial e continuada dos professores de química professor/pesquisador. 2ª Ed rev. Ijuí, RS: Ed. Unijuí, 2003.
- TARDIF, M. Saberes docentes e formação profissional. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

ZABALZA, M. A. O ensino universitário: seu cenário e seus protagonistas. Porto Alegre, RS: Artmed, 2004.